



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Brasil

Gineste, Carine

Os rituais e as representações do poder

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 29, abril, 2006, pp. 139-141

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550185016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

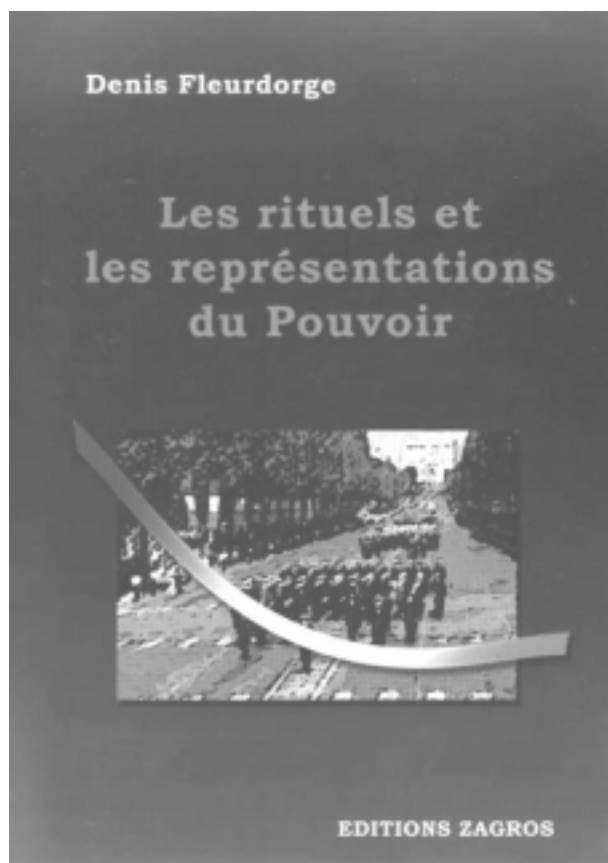
redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Os rituais e as representações do poder



**Carine Gineste**

Mestranda em Sociologia/ UPV – Montpellier III

SITUADO NAS FRONTEIRAS do politicamente correto<sup>1</sup>, Denis Fleurdorge se dedica a descrever minuciosamente os subterrâneos do poder político francês, tal qual se opera através das representações e rituais do presidente da república, figura emblemática da encarnação do poder.

É como historiador que o autor nos propõe explorar em profundidade o político em ação, através da referência e da análise da dinâmica do poder pelo viés dos verbos de ação (chegar e partir, presidir, reconhecer, comemorar, assistir, aparecer, viajar, receber, exprimir e criar). A tese que defende inscreve-se na continuidade de seu livro precedente, sobre *Os rituais do presidente da República*<sup>2</sup>. Com efeito, esses dois estudos tentam demonstrar que o poder entra em contato com os atores sociais por meio dessas formas de representação, e que este “poder em cena”<sup>3</sup> visa, de um lado, um reconhecimento coletivo, e permite, por outro, que o homem político, organize os momentos fortes de sua biografia. Assim, a obra ilumina e descortina essas representações (suas seqüências, o papel dos atores, o desenrolar da ação, os meios simbólicos, os sistemas de representações, os valores e as normas), cuja utilidade é justificada a ponto de elas serem codificadas institucionalmente (leis, decretos) pelos protocolos e reuniões. Essas regras protocolares, diz Fleurdorge, visam marcar a ruptura (real e simbólica) com o regime anterior, afirmar uma hierarquia e uma autoridade (permitindo ao presidente exprimir sua identidade, pela reiteração do poder precedente ou pela inovação), tanto quanto instituir e modelar práticas políticas (assim como a projeção ideal referente ao presidente).

Depois de definir o protocolo como “um dispositivo que contribui a colocar em cena o poder político” (p. 19) a partir de

regras e de hierarquias, evitando o arbitrário e o aleatório, o autor distingue o modo protocolar nacional e o modo protocolar internacional. O primeiro, instaurando uma ordem hierárquica, permite ao presidente impor-se real e simbolicamente, enquanto o segundo instaura uma ordem diplomática que refere-se à situação de proximidade com outros países (a França é reconhecida aqui pela sua forte tradição cultural). De maneira concreta, o modo nacional do protocolo é posto em evidência pelas representações e rituais relativos às ações de chegada e partida do poder, presidir, reconhecer, comemorar, assistir, aparecer, viajar, receber, exprimir e criar. Quanto ao modo protocolar internacional, ele é essencialmente encenado nas viagens ao exterior ou nas recepções a hóspedes estrangeiros.

A fim de facilitar a compreensão dos atos de poder que constituem o corpo de seu estudo, o autor nos explica, em resumo, os principais papéis do poder presidencial. Neste sentido, ele distingue cinco papéis essenciais: o papel político, o papel social, o papel cultural, o papel simbólico e o papel estético. Primeiramente, a função política das representações é traduzir o estatuto do presidente como única encarnação do poder, aquela da comunidade francesa como Nação. Ela permite uma comunicação política unívoca, uma cultura política específica e uma afirmação da legitimidade política encarnada em um único homem. Quanto ao papel social, ele legitima os procedimentos, pela existência de estruturas análogas entre o político e o religioso, ou seja, produzindo uma espécie de sacralidade do sentido e da emoção, o que permite delimitar as condutas humanas, submissas a uma maneira pré-definida de pensar, de ser e de agir, de acordo com um modelo estruturante que torna as normas, os valores e as práticas pertinentes. Em seguida, o papel cultural das representações encarnado pelas instituições permite aos atores se orientarem e se identificarem em função de um mesmo código de expressão, que está destinado, segundo o autor, a

construir uma identidade austera (para assentar a autoridade do grupo dominante dentro de um quadro formal), uma identidade cultural nacional (para relembrar um patrimônio comum) e uma identidade cultural individual concernente ao presidente, seu estilo e sua atividade política.

De outro lado, existe um papel simbólico de autoridade única e soberana, de potência coercitiva. Depois de identificar três dimensões (cósmica, mítica e real) do papel simbólico, o livro apresenta a função estética das representações do poder. Trata-se da encenação do sistema de comunicação política fazendo apelo à emoção e ao sentimento do espectador a fim de obter sua adesão através da sedução.

Esta prévia teórica relativa a uma taxonomia dos diferentes papéis das representações do poder político, é necessária para apreender a dimensão semântica dos rituais do presidente da República.

A partir daí, Denis Fleurdirge procede a uma descrição detalhada dos rituais presidenciais, que compreende como sede da expressão das representações. Para isso, se apóia diretamente nos escritos políticos (análises e memórias) dos presidentes da República francesa (Charles de Gaulle, Valéry Giscard d'Estaing, Jaques Chirac) e se inspira igualmente em uma rica bibliografia reunindo textos históricos, de sociologia, de psicologia social e de política. O autor exemplifica largamente seu estudo, permitindo-nos apreciar as facetas escondidas do poder e de suas representações. Dessa maneira, convida o leitor a partilhar as fundações do poder onde as múltiplas formas rituais sob as quais ele aparece (conselho de ministros, conferências, condecorações, inaugurações, comemorações, manifestações diversas, viagens, encontros, recepções - privadas, institucionais -, discursos, apresentação de votos à Nação, peregrinações, criações, etc.) são sempre a marca do interesse do presidente em legitimar seu poder e manter a unidade e a coesão da Nação inteira pelo receio e pela coerção. Inspirados em uma tradição republi-

---

cana, o autor avança, esses rituais, impregnados de protocolos e de reuniões, requerem uma preparação minuciosa, de maneira a não deixar nada ao acaso (decoração do lugar no momento do discurso - bandeira francesa e, recentemente, européia -, vestimentas, maquiagem, iluminação, gestual, vocabulário, etc.). É por essa encenação que emerge o aspecto mágico e maravilhoso do poder alimentado pelo imaginário dos atores.

O papel das representações, através dos rituais presidenciais, é então fornecer aos cidadãos “modelos políticos de negociação (diferença e reconhecimento específicos), da conciliação (em termos de produção, de consolidação, de restauração dos elos sociais) e de expressão das estratégias de troca” (p. 270).

Desse modo, *Os rituais e as representações do poder* constitui-se uma espécie de passarela (largamente acessível) entre o cidadão e o político, permitindo que o leitor se introduza nos bastidores do poder político francês.

## Notas

FLEURDORGE, Denis. *Les rituels et les représentations de pouvoir*. Paris: Zargos, 2005, 281p.

- 1 Conhecer os códigos do poder político modifica inelutavelmente a apreensão do leitor quanto a esse poder, então desprovido dos segredos de sua representação, e, por isso, esse conhecimento pode engendrar sua reconsideração e seu descrédito (o que não corresponde ao interesses dos homens políticos).
- 2 FLEURDORGE, Denis. *Les rituels du président de la République*. Paris: P.U.F., Col. “Sociologie d’aujourd’hui”, 2001, 266p.
- 3 Na página seis de sua obra, o autor se refere a George Balandier, *Le pouvoir sur scène*, (Paris, Balland, 1992), mas se apóia igualmente, no decorrer de todo seu estudo, nos escritos de Erving Goffman (*La mise en scène de la vie quotidienne*).